

3000

00

**R  
E  
V  
I  
S  
T  
A**

— DA —

**A C A D E M I A  
M A T O G R O S S E N S E**

— DE —

**L E T R A S**

ANOS XXX — TOMOS LVI

1963

Escolas Profissionais Salesianas  
Cuiabá — Mato Grosso

1963-56

35

---

---

## DISCURSO DO RECIPIENTÁRIO ACADÊMICO JOÃO ANTÔNIO NETO

Acadêmico, Rubens de Mendonça

Como Juiz, se fosse julgá-lo, condená-lo-ia a um ano de detenção, de acôrdo com o artigo 348 do Código Penal, pelo crime de favorecimento pessoal - mas, como confrade, o absolvo, condenando-me gostosamente, a agradecer-lhe o ato de fé que acaba de proferir, em nome da fraternidade.

COLOCOU voce seu ESCAFRANDRO e penetrou no meu mar, e eu que imaginava possuir, no fundo, apenas alguns calháus, um pouco de lôdo e velhas algas - vejo que você voltou de lá com um punhado de pérolas, naturalmente arrancadas do CASCALHO DA ILUSÃO, sob o toque e o sortilégio das suas mãos de exímio GARIMPEIRO DO SONHO.

Não posso agradecer-lhe, porque a gratidão é a coisa que mais existe na terra e no céu - e eu desejaria algo mais diferente, pouco usual, para exprimir-lhe minhas dívidas.

Assim sendo, dou-lhe o amparo da minha salvação - que é sentimento muito pessoal - pelo bem que me fez - visto que, sòmente êsse apôio é moeda justa para se ter bem pago aquele que procura redimir os outros, sem temer as dificuldades em que se está metendo.

Graças ao Bom Deus, voce se saiu bem, não obstante as malhas em que se envolveu - mas também eu, saí ganhando, pois, por suas mãos, me ví desemaranhado e, ambos libertos, finalmente - eu, salvo por voce, e voce protegido pela minha salvação - podemos dar-nos as mãos e oferecer o milagre à edificação dos que não creem que a riqueza mais doce é a que reparte o pão em dois pedaços - para que o rico não fique sem nada, e o pobre guarde consigo alguma coisa.

## SENHORES, ACADEMICOS:

Mais de uma vez, bati à porta desta Casa, para que ela se abrisse. Não que os daqui ma quisessem negar, tanto que a recusa andou de par com a aceitação; mas é que, cõscios das vossas obrigações, sabieis que esta Casa é um Templo, e aos Templos não se admite qualquer um, sem saber se o aspirante vem, realmente, participar do culto, ou interromper a ascese dos iniciados. É necessária a expiação da impaciência, para dar ao pretendente a certeza e a lição de que o sabor do fruto começa com a dificuldade em colhê-lo e que as alegrias, facilmente conseguidas, são efêmeras e vasias de história que justifique o seu mérito.

Por isso, sempre, me contentei com o meu descontentamento e o arquitei, à medida que as tentativas de sucesso falhavam - até o dia em que vós, não vencidos, mais vencedores, verificastes que o galanteador dos vossos brilhos, poderia receber o prêmio - para, amadurecido como estava, considerar que, sob o peplo de púrpura e estrêlas, pesam responsabilidades ásperas e tarefas delicadas e que sua fantasia era maior que sua clavidência e desavisada ambição.

Chego, agora, aqui, como aquele primitivo herói das sagas bretãs. Quando os exércitos do Imperador Cláudio trouxeram da Inglaterra, vencido e prêso, o indômito Caractaco e o exibiram pelas ruas de Roma, disse ele: Não posso entender, meus senhores, como, na qualidade de governadores de uma cidade gloriosa como esta, cujas casas são como penhascos de mármore, cujas lojas parecem tesouros reais, cujos templos se afiguram os sonhos que os nossos drúidas relatam, quando voltam das suas visitas mágicas ao Reino da Morte, possais encontrar em vossos corações motivos para cobiçar a posse de nossas pobres cabanas insulares!

É o meu caso. Se possuís tanto sol, porque admitistes a impertinência dêste meu sub-clarão? - Grande é, consequentemente, o meu embarço - e sé não se torna ele irreparável, pelo fato de ser eu uma argila permeável e extremamente sensível à absorção dos fluídos bons que me virão de vós; deles é que vou viver e palpitar; ao contacto das vossas bondades, sei que é possível ver-me florescido e frutificado, porque se me deste o chão, não me negareis a seiva - para não parecer um erro a vossa preferência, e uma injustiça aos mais capazes, a vossa extrema generosidade.

Senhores Acadêmicos! Aqui estamos para tomar posse de uma Cadeira que está sob a invocação de dois poetas - por isso, nossa obrigação de tratar de literatura, de arte, de literatos e artistas, convindo, naturalmente, êsse exame, para justificação dêste momento.

Mas, que é o homem de letras, o artista, o literato? - É apenas o homem que escreve ou será mais proveitoso examinar a tese, indicando o artista puro e o artista complexo? - O artista puro é o que CRIA obra de arte - em contraposição ao que interpreta, expõe, e ao que descobre a matéria ou os fatos do conhecimento. Nessa ordem de idéias, o artista puro, parte de dentro para fora, ainda que sua consciência interna seja afetada por fatores extrínsecos. Por exemplo, se o poeta comparou os galhos nodosos da árvore a braços musculosos, embora haja haurido a imagem concreta do vegetal, a expressão só se tornou viva pelo adjunto da idéia, que lhe veio do interior, através de uma comparação. Já o historiador, o economista, o sociólogo, o didata, partem de fatos objetivos para fatos objetivos. Doutra parte, o cientista REVELA o encadeamento dos fenômenos, descobrindo ou confirmando LEIS, que são permanentes, em si, e que podem chegar à exteriorização, necessitando, apenas, de atenção, de estudo, de pesquisa e, às vezes, do acaso... O artista pode ser auto-suficiente, o cientista não. O artista constroi sua obra arrancando-a do fundo do espírito, independentemente de um interesse imediato; caracteriza-o o ser livre de um fim necessário, isto é, de prova ou probabilidade, especialmente na poesia. Se o poeta diz que o sorriso do luar, está brincando nos lábios das flores, ninguém lhe virá dizer que a lua é séria e que as rosas não têm lábios. Mas se o economista disser que a moeda é anterior à troca "in natura" mil vezes se levantarão contra a inominável heresia! Se o experimentador descobriu que a ferrúgem do tabaco é produzida por um vírus e não pela temperatura ou em virtude da organização química da terra - é claro que o mesmo não CRIOU nada; apenas REVELOU, pela experiência, um fato preexistente que, até ao momento da sua revelação, quedava apenas ignorado. O cientista deseja somente instruir e nunca apaixonar. Se, para o artista, a palavra tem uma alma, para o cientista é unicamente um simples sinal da idéia, como o número para o matemático. No caso do artista puro, o espírito da arte se econtra, antes de expresso, em estado nenhum; simplesmente, não existe; sem forma e sem côr, caótico, insensível e místico, universal e comum; o substrato da Arte aguarda o "logo" gerador, o plasma espiritual que lhe comunique

a centêlha de vida, e o faça brotar, exuberante e animado, para o deleite dos homens. E é interessante observar, neste ponto, que muitos poetas confirmam verdadeiros estados de abulia crítica (não patológica); como que sua vontade desaparece; dir-se-lhe foge a sua personalidade, desintegrando-se; aí o artista parece mais um simples instrumento de manifestação, e não o próprio motor manifestativo, um juguete de forças prodigiosas, manipulado por indicadores ocultos. Sócrates tinha o seu demônio; quase todos os grandes escritores alexandrinos se creram inspirados por gênios superiores: Filon, Amônio Saccas, Plotino, Arnóbio, Jámblico... Daí decorre, também, a multiplicidade das queixas dos artistas, quando sufocados de idéias, daquele misterioso conluio de gênios, demônios ou anjos - não têm a instrumentalidade adequada para proclamar as vozes, as menságens subjacentes que algazarraram no fundo do seu sêr. Nosso preclaro Augusto dos Anjos é expresivíssimo neste aspecto, e figura o martírio do artista que

Tenta chorar e os olhos sente enxutos! . .  
 É como o paralítico que, à míngua  
 Da própria voz e na que ardente o lava

Febre de em vão falar, com os dedos brutos,  
 Para falar, puxa e repuxa e língua,  
 E não lhe vem à boca uma palavra!

Aí vedes, pois, uma ponta do problema genético da obra de arte.

Mas, e os motivos? Ora, os motivos são, apenas, para o artista puro, o pretexto externo, que deve ser envolvido pela aura criadora. O extro, a inspiração, numa palavra o gênio, cujo principal atributo é o dom de criar, etmológicamente de "gigno" "gerar", existem sem motivos; êstes não passariam do seu valor comum, se lhes não envolvesse a atmosfera daquelles, seu ar, sua graça, seu toque mágico. Uma flor, a chuva, uma pedra, permaneceriam sempre essas mesmas coisas ou sêres - não fosse o sôpro do artista, chamando a flor de delicada e ebúrnea taça, a chuva de lágrima do céu que se comove com a terra seca, o colibrí de jóia alígera, a pedra de molécula que se escapou do peito das estrelas.

Diante dos rápidos conceitos, acima expostos, cai, excellentemente, a poesia lírica, como essencialmente subjetiva; os

outros gêneros literários estão por fora ou nos limites desse círculo. Senão vejamos: a Epopéia exprime uma realidade exterior ao poeta, é narrativa, heróica, una, quase sempre nacional, com um protagonista, em torno do qual giram todas as emprêsas - É a ILÍADA com Aquiles; a ODISSÉIA, com Ulisses; a ENEIDA, com Enéas; é JERUSALEM LIBERTADA, com Godofredo de Boillon; os LUSÍADAS, com Vasco da Gama - sem esquecer, todavia, que há epopéias, como o PARAISO PERDIDO, a MESSÍADA, a DIVINA COMÉDIA, que foram buscar na Religião o seu fundamento - mas, de qualquer forma, sempre fora do artista. No Gênero Dramático o artista sai, inteiramente, de si mesmo para encarnar-se na alma dos que pretende pôr em cena. A Didática se estende às verdades úteis, como nas epístolas e fábulas. A História é a testemunha das eras, segundo Cícero, e tem a seu cargo guardar os conhecimentos e expor os acontecimentos, no tempo e no espaço. O Romance pinta os costumes, as ações, as almas. O Jornalismo atende aos fatos transitórios, do momento, e é a forma literária que menos se vincula ao prazer ispiritual do escritor. Quanto à Crônica - e não falamos da Crônica como narrativa histórica - muito em voga, atualmente, é bom se distinga: há a Crônica, dita social, que é secção do Jornalismo e como tal identificada com motivos diversos, uma espécie de repositório de flagrantes mundanos superficiais e não duradouros - e a Crônica, como boa Literatura, oriunda da França, criação de Eugène Guinot, peça literária em que o artista capta um traço, um acontecimento, um ângulo da vida, comentando-o, em estivo vivo e gracioso, e que teve na França cultores como Lavedam, e entre nós, sem falar em Humberto de Campos e Medeiros e Albuquerque, os modernos Sérgio Pôrto, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Franklin de Oliveira, Rúben Braga... Júlio Dantas a descreveu, com muita felicidade, em "Os Galos de Apolo": "A Crônica, essa criação vivaz em que o assunto, como uma véspeira de ouro, zumba, passa e se recolhe no ar; espécie de soneto dos jornalistas, que vive do brilho resplandecente da última frase; nota rápida, fulgurante, imprevista, de aspectos, de acontecimentos, de figuras, em que o fato é quase nada e o comentário é quase tudo". Eis aí a Crônica.

Todos esses gêneros, num apanhado pela rama, estão às mãos dos homens de letras - e só serão assim chamados, legitimamente, os que se mostram capazes de saber feri-los ou tocá-los com o fulgor da inteligência ou o milagre do gênio.

Aliás, o assunto, como já assinalamos, é aqui, apenas afluído, sem que nos atenhamos a um critério de exame crítico mais substancial - pois o tema é vasto e complexo pelos seus entrelaçamentos, suas contiguidades e difusão de suas fronteiras.

Mas, uma coisa, - cremos nós - parece-nos bem patente: é que a Poesia Lírica é mais completa, se encararmos a arte aí como a reprodução, no exterior, de uma imagem interna, com capacidade para despertar, sentimento de prazer espiritual, desinteressada, dominante e duradouro. Essa poesia, pois, é a cúpula das belas-artes, é a flor das letras. Tanto que nunca se diz que a poesia semelha a prosa, como virtude dessa poesia - mas se diz que a prosa é poética, dando relêvo às qualidades estéticas da prosa. Por isso mesmo parece importante que a poesia admita uma forma particular que a distinga das narrativas comuns, como o diálogo se distingue do monólogo, em razão da natureza da participação dos espíritos na expressão das idéias. Parece fundamental a ESCOLHA de sons e uma combinação de movimentos, para que as palavras ganhem uma modulação, uma cadência, um embalo especificadores do desejo que as almas têm de ser afetadas pelo sentimento particular da Beleza.

E é desse ponto formal que partem divergências ásperas. Entendem uns que a poesia não deve anuir a limitações mensuráveis; que, sendo a poesia uma emanção espiritual, não pode ser contida em sua expansão, limitada por muros artificiais - devendo ser colhida pura, como um fenômeno espontâneo, e apresentada tal qual é: despojada de obstáculos que se oponham ao fluxo de sua liberdade essencial. E cremos que assim seja, em parte. Por que, se a poesia prescinde, por exemplo de rima, creio dever prescindir daqueles fatores, já reafirmados, da escôlha de meios de expressão, da correção linguística, de uma nomenclatura própria, de opções que a extremem dos outros gêneros literários. Deve haver uma seleção formal, um sinete, um distintivo, algo sensível que a particularize, no complexo das outras produções - é dizer, algo que a ordene e condense, dentro dos limites da sua peculiar designação autêntica. A própria música, que é também, arte fonética, na sua expressão, precisa dobrar-se a condições sintéticas, recolher-se em fórmulas que lhe marquem os instantes - sob pena de ser apenas SOM, e o som, em si, não é arte, mas fenômeno físico puro. E por aí adiante poderíamos alinhar todas as artes mais comuns, e ver que nenhuma delas dispensa condicionamentos, para organizar-se e tocar à raia da Beleza. A

Pintura, sem método é apenas CÔR. A Arquitetura, sem ordenação, é Geometria só. ( A própria pintura impressionista não foge à regra, pois se nega o contôrno indubitável das coisas, que as isola dos outros objetos - afirma a difusão de suas massas, capaz de engendrar êsse objeto, conforme a maneira como é procurado ser distinguido).

Assim sendo, não parece ter razão a corrente que pretende varrer os limites impostos à poesia formal; eles são fatais e consultam a inerência de todos os produtos da nossa relatividade. Doutro ponto, contudo, se o poeta é capaz de prender a idéia poética em todas as correntes e malhas possíveis, sem arrancar-lhe os tons, as vibrações, todos os écos, os esplendores todos - por que não fazê-lo? O problema não é deixar a ave solta, para que ela cante - mas é prendê-la e não deixar ela de cantar. Logo, se o poeta tem a habilidade de metrificar, escandir, contar, rimar - sem prejudicar sua inspiração - ninguém pode condená-lo se foi, além de criador, artesão e arquiteto. O que deve interessar mesmo, com ou sem pêias, é a incolumidade da arte, sua intangibilidade, sua apresentação como beleza íntegra, indisfarçável e suprema, na harmonia unânime da sua soberania.

E ainda há mais, no que toca ao problema formal: É a questão da linguagem. Quer-se, notadamente agora, que a Gramática, que a linguagem, que temos como correta, seja relegada a um plano elementar, nas obras literárias. Há uma verdadeira sintaxefobia; é-se contra a construção gramatical escoreita, alegando que a mesma restringe, também a idéia, prejudica a simplicidade e a espontaneidade e que, em conclusão, com menos gramática, há mais perfeição. Acontece, somente, que os cultores dessas facilidades, (ou falsificações?) para ter seu sistema mais bem feito, deveriam, então, por lógica, subverter tudo e, não, apenas, partes do discurso, por que a gramática é um todo, embora sujeito a certas vacilações e restrições impostas pelo próprio caráter dinâmico da linguagem. Mas os patrocinadores desses escapes, enquanto refutam dado ângulo da gramática, por antiquado dizem às vezes - lavam-se, em outros setôres, no plenilúvio de expressões, imagens, rebuscados - êsses sim - inteiramente ultrapassados.

É certo que se fôrmos pelos antigos tempo, lá pelos recessos da Grécia velha, antes dos Sofistas, antes de Platão e Aristote, de fato, a Gramática não foi indispensável para se falar tóteles, ou à Índia, anterior ao gramático Pânine, verificamos



ou escrever literatura; e existiram muitos e notáveis criadores de gêneros literários, poetas e prosadores. "Na Idade Média - diz Marques de Oliveira Filho - quando surgiram e se desenvolveram as literaturas neolatinas, vasadas nas idéias romances, então nascentes, ante a impossibilidade de ser utilizada a gramática tradicional do latim, inaplicável à estrutura das línguas recém-formadas, os poetas, em primeiro lugar, e, a seguir os prosadores, produziram obras admiráveis, desajudados da gramática e orientados apenas por aquela mesma intuição que norteara os literatos da Índia e da Grécia". Sabido que a gramática, tal como a temos, não fará de ninguém um poeta e escritor, ainda que secundário, não será para estranhar-se, nos nossos dias, aquela afirmativa de Machado de Assis, tido e havido como o mais castiço dos modernos escritores nacionais, de que nunca estudara gramática. Ora bem, está tudo isso certo, em princípio. Mas há equívoco. Primeiro, é claro que o indivíduo, pode ser o maior dos filólogos e não poder construir um poemeto sequer. Mas tal não quer dizer que os conhecimentos da língua não sejam necessários ao bom escritor. São necessários, sim. Ocorre é que o indivíduo não é escritor, não tem jeito para o coisa, como diz o povo; não possui inspiração, nem imaginação; é incapaz de criar, embora seja capaz de fixar, conservar, expor, descobrir fatos do conhecimento. É sabido que Ruy Barbosa, não obstante seus vastos conhecimentos, quando tentou poesia, fracassou, enquanto verdadeiros analfabetos, têm sido bons ou excepcionais poetas. Por outro lado, dizer que a gramática é dispensável ao artista, porque limita, restringe, amarra, aniquila a idéia e que, por isso, deve ela ser relegada a plano secundário - seria pôr abaixo todo e qualquer conceito das convenções - ou substituir uma convenção por outra. Quando os escritores neo-latinos não puderam amoldar-se às regras do latim clássico, criaram a sua própria gramática. Se Machado de Assis não conhecia gramática é inegável que a entendia, que a seguia porque, a se pensar diferentemente, teríamos, então, de admitir que o autor de "Braz Cubas" construiu sua obra, e a gramática veio a ela, depois, a ela aderiu, como o ferro ao imã, por efeito de uma estranha afinidade física ou química... Naturalmente, o que Machado de Assis exprimia era o fato de não ser gramático, de não ser um técnico na matéria - mas era um estudioso, um observador sagaz, e, se escrevia corretamente, concedia valor à correção da linguagem, às leis da linguística o que vem enobrecê-las e justificar a sua importância.

Não pode haver, realmente, inimigos da linguagem. O que deve existir é a repulsa pelas normas abolórias, pelos torneios desnecessários, pelas palavras caducas que já completaram o seu ciclo de vivência, que já se esgotaram e perderam o suco e a substância, em face das relações novas, das necessidades de expressão que o desenvolvimento social alcançou. O que se não devem adotar são as construções agora risíveis, os termos esterilizados, pedantes e pretenciosos, esbanjadores dessa euforia idiota das culturas fraudulentas e hipócritas. Devemos arrancar da linguagem os zigue-zagues ociosos, os arredondamentos, as preciosidades, a obscuridade e outras rugas e anfratos que, se adoçam os paladares dos seus campeões e glosadores, amargam o bom-gosto dos espíritos finos e lógicos. Inovar, não deve ser substituir o defeito pela monstruosidade nem fazer requisitórios com incongruências mais lastimáveis do que as impropriedades. Vós conheceis os exageros a que têm chegado as modas literárias, especialmente no período dos seus fervores iniciais. Vós sabeis de excessos como os do impagável Dadaísmo que fazia composições cortando palavras, ao acaso, dos jornais, das revistas, dos livros, colocando-as em urnas, para depois serem retiradas, uma a uma, como numa rifa, e postas, à medida que saíam, em frases, que nada significavam, mas que recebiam o título de poesia de primeira grandeza. Nos inícios do nosso Modernismo, o ilustre escritor Menotti Del Picchia, começou uma conferência, na "Semana da arte Moderna" com esta jóia: "Pela estrada de rodagem da Via Lactea os automóveis dos planetas correm vertiginosamente, e Bela, o Cordeiro do Zodíaco, é perseguido pela Ursa Maior, toda dentada de estrélas... "Dê-se-lhe a palma... mas a palma da palmada... Não sejamos tolos. Deixemos de lado os arcaísmos, as palavras que a evolução separou dos seus troncos primordiais, às quais a semântica imprimiu novos movimentos. Digamos herança, por herdamento; confirmar por roborar; rude por rudo; pesar por nôjo. Hoje "ribeira" não é mais a margem fluvial; "terrente" não é o que torra. Presentemente, é logico, não poderíamos dizer, como nos versos do século XII:

Sento certa minha morte,  
sento nam ver minha fim...

porque, agora, não se escreve "sento", mas sinto; nem "cento" com cidilha no "c" inicial; nem a palavra "fim" é do sexo feminino.

Mas, arguir a linguagem bem posta de desprezível - é uma injúria à cultura e confissão de desprezo às sistematizações necessárias ao equilíbrio das idéias e à personalidade olímpica do pensamento que precisa, também, de expressão olímpica. Como já dissémos, os arreganhos e pedantarias são recusáveis, em toda a linha, pois chegam, quase sempre, a absurdos pelágicos como os de um nosso finado amigo, que numa soleinidade começou a saudação ao Governador do Estado, neste termos: "Com o vosso govêrno, atingistes a meta geodésica da metafísica cosmológica e social!" Como galhofa estaria bem mas como manifestação séria, a coisa é simplesmente mortificante e deplorável. Se me não engano foi o saudoso parlamentar Graco Cardoso, quem se comprazia, na primeira legislatura, em criticar os seus colegas retóricos, recomendando a estilização de expressões como "Isso é conversa mole, pra boi dormir", que deveria ser dito "Isto são parolágens flácidas para dormitar bovinos", ou essoutra " Não me importa que a mula manque, o que eu quero é rosetar", que ficaria assim: "Pouco se me dá que a azêmola claudique, o que me apraz é o acicatá-la....

Aceitemos, pois, a nossa sofredora gramática, com suas natuaris imperfeições, cientes de que a língua é um sêr vivo e que, assim, sente e sofre, conosco e por nós, que nos segue em nossos declínios e ascensões, do primeiro balbúcio ao último silêncio. Nós, ditos escritores, temos a obrigação de repudiar suas cristalinidade - e zelar pelos vigores dos seus sistemas construtivos e vitais, imprescindíveis ao mecanismo do entendimento e à nobreza das organizações que foram plasmadas com a meditação dos sábios e a vigília dos séculos!

Entretanto, senhores Acadêmicos, o artista não sofre, somente a pena de ter que justificar a FORMA do seu trabalho - tem, igualmente, que responder pelo material, pela qualidade da substância com que constrói, pela legitimidade, enfim, da essência da criação artística. De todos os cantos há apóstrofes. Uns o acusam de usar barro crú, quando deveria utilizar porcelana ou diamante, areia ou núvem, água ou sal. Noutra extremo lhe imputam o haver descido, quando devêra ter subido; mais além, dizem-no comprometido com objeto que já foram exibidos, com corpos exaustos pelo uso, gastos, pelo aproveitamento. Atribuem-lhe inércias comprometedoras - quando se tivessem diligências e atividades poderiam palmi-lhar terras vírgens, mares improfanados, céus inconsúteis, penetrar arcanos e grutas travejados de tesouros desconhecidos.

E vêm à tona objurgatórias e condenações. - É a luta perene da chamada renovação contra a inamovibilidade, do liberalismo contra o convencionalismo - reduzindo-se tudo, na sistemática literária, ao que chamamos Escolas. Não vêm muitos, ou todos, que cada época se justifica e se traduz através do próprio homem. A chamada procura da "forma nova", em arte, é igual à demanda da forma nova, em todos os tempos e ângulos da vida. Aliás, a própria vida se reduz a uma busca - e frize-se - do melhor. E essa perseguição chegou a tais extremos de gravidade que o homem passou a criar óbices a si mesmo, como que para colorir o valor dessa procura, por contraste; criou a sombra, para não confundir a luz com a treva; criou o inferno, para não confundir o sofrimento com a bemaventurança; teceu impecilhos para estar advertido das excelências do repouso e da paz. E a Arte não poderia esquivar-se a essas fatalidades e contingências. Todavia, as Escolas literárias, são elas próprias, culpadas das Escolas Literárias - tanto que, imaginadas, criadas, estabelecidas e disciplinadas, acham logo os seus simpatizantes, apóstolos e discípulos, e vão vivendo, à custa dos seus opositores vencidos, até encontrar seus antagonistas vencedores.

A literatura clássica, se opôs a romântica, exprobrando-lhe a inhumanidade e o dogmatismo. Contra o Romantismo reagiu o Realismo, condenando o subjuntivismo e o pessoalismo. Chegou o parnasianismo e procurou afastar a literatura do campo da ciência e da crítica, estruturando o aprumo da linguagem, dando à forma vigor expressivo, colocando a parte pessoal à distância. Trêmulamente, veio o Simbolismo, lutando contra a dureza dos parnasianos, em busca de fluidificar a poesia, diluir-lhe as palavras em sons; sugerir, em vez de dizer; tocar, em vez de possuir - uma espécie de platonismo, articular, melódico e plástico. Daí à poesia moderna, mais característica, foi apenas um palmo - e todo nós sabemos qual é a situação. E a situação é a mesma de sempre |: uns contra os outros - e é no fim de tudo, todas as tendências convivendo, no mesmo mundo, cada uma usando, conforme a oportunidade, o que admite no adversário e o que não condena no parceiro e colega.

Não obstante, senhores Acadêmicos, não quero deixar de acudir à minha necessidade de definição, com referência às Escolas literárias. Sem nenhuma ironia e creio que sem cair em contradição, sou por todas as Escolas e por nenhuma delas. Dou-lhe o valor que o meu espírito lhes tributa e lhes nego o

mérito que o meu pensamento lhes recusa. Creio que todas as Escolas literárias são boas, como todas as Escolas são boas quando ilustram e edificam. Não posso recusar o Classíssimo que, entre nós, nos deu Gergório de Matos ou Basílio da Gama. Não posso desprezar o Romantismo que nos deu, Fagundes Varela ou Manoel Antônio de Almeida. Impossível repelir os realistas Machado de Assis e Raul Pompéia; temos que apreciar o Parnasianismo de Olavo Bilac e Luiz Carlos da Fonseca; agrada-me o Simbolismo de Cruz e Souza e de Mário Pederneiras; não podemos excluir o Modernismo de Cassiano Ricardo e Carlos Drummond de Andrade. - Mas, se alguém dissesse que o ideal seria a construção de uma Arte literária, de uma poesia especialmente, que criasse ou descobrisse, ao certo, novas formas de expressão, e, ao mesmo tempo, representasse o fluxo espontâneo do sentimento, aproveitando o máximo a inspiração e dando-lhe figura nova - eu seria por essa Escola que essa seria a mais verdadeira, por que a que mais se aproxima da realidade. O intuito de ser realista demais, ou exclusivamente preciso, infunde desconflança aos que temem o dogmatismo, e a preocupação em ser difícil, em parecer irreconhecível, com a pretensão do obscuro, do hermético, do intraduzível, afasta a arte para os limites da adivinhação, tornando-a tão individualista como dogmática. São os fatos que procuram repelir-se e que chegam à plena-interfusão. O que avulta, verdadeiramente, na arte, na poesia, na criação literária, é sua capacidade de atingir o ponto em que cessem as discussões. Nessa linha neutra, estão aqueles que exprimiram idéias eternas, princípios constante e irreversíveis, que não são matemáticos, mas se mostram satisfatórios. Nesse ponto estão Dante, Shakespeare, Válmik, Dostoievsk... No mais, temos que justificar.

Moralmente - e vivemos num mundo moral ou que se esforça por sê-lo - vale, às vezes, mais a intenção que a expressão e se essa intenção é, não raro, imperceptível, ninguém poderá infirmar o ato, sob pena de perpetrar um julgamento "a priori". E nenhum julgamento dêsse tipo é justo, isto é, concesso do seu a seu dono.

Assim, temos, diante de nós, o patrono desta cadeira: **AMÂNCIO PULCHEIRO DE FRANÇA.**

De Amâncio Pulcherio temos conhecimento extremamente superficial. Sabemos que nasceu nesta cidade, em 1846, isto é, há 117 anos, tendo sido advogado provisionado, Chefe de Polícia, jornalista e poeta.

Sua posição na tela da literatura matogrossense, está certificada, especialmente pelo que dele indicam historiadores nossos, como o insigne Estêvão de Mendonça.

Literariamente, seu julgamento é fácil e cômodo: floresceu em pleno Romantismo, havendo atravessado o seu clímax; tinha 13 anos, quando CASIMIRO DE ABREU publicou "PRIMAVERAS". É inegável que sofreu a contaminação do pensamento poético de epônimos como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e o autor de "Os meus oito anos".

Sua poesia é ingênua, sem atavios, nua, cheia daquela puereza lógica da inconsequência.

É assim:

"Vi-te tão meiga e formosa,  
Contemplei-te graciosa,  
Casta flor, mais de uma vez;  
Um anjo tu parecias,  
Nas brancas asas trazias  
Minha esperança, talvez..."

Segundo a moda - que não foi somente dos românticos - (Baudelaire, passeava pelas ruas de Paris, com os cabelos pintados de verde, puxando uma tartaruga, amarrada a uma fita vermelha...) - Amâncio Pulcherio foi pessimista, daquele pessíssimo que era, primeiramente, mesológico, para, depois, passar a patológico.

Exagêro? Não! - Condição temporal e psicológica. Crise e catarse, tão naturais como todos os acontecimentos ligados às transmutações do processo humano.

Pulchério, romântico, era insatisfeito, há ponto de, embora casado três vezes, na sua curta existência de 35 anos, ainda dizer, ensaciável:

"Meu Deus, que gêlo, que frieza aquela,  
Que indiferença nos olhares seus!" ...

Crueldade do crítico? - Nem de longe! - Compreensão, apenas. Compreensão que levo ao preclaro patrono desta cadeira, vivido sob o prestígio de um tempo que tinha mais vasios - sem as forças decisivas de hoje, que nos impõem uma visão mais dura das realidades e das suas decorrências. Não podemos desligar o homem, da sua época, pois ele se justifica através dela. Idealizar os tipos ao sabor dos nossos agrados, é acreditar que a verdade é uma só - o que é um desrespeito ao progresso e uma afronta aos brios da criatividade alheia.

Podemos - é claro - aceitar com recusas - mas não podemos recusar sem aceitação. O homem, jamais, poderia evolver se esposasse a doutrina da negação, com a afirmação exclusiva da sua personalidade.

Por isso tudo, reverencio aqui a memória do nosso patrono, como o épico reverenciou a dos heróis que dilataram a fé e o império da vida, e por obras valorosas nos foram libertando da morte!

E, agora, eis à frente JOSÉ RAUL VILA.

Nascido em 1899, poeta, prosador e alto funcionário do Banco do Brasil, o meu estimável antecessor escreveu relativamente pouco, mas o suficiente para merecer a láurea que esta Casa lhe outorgou - chamando-lhe para integrar seu quadro, ao lado de expressões relevantes das letras matogrossenses.

Seu poema épico "RONDÔNIA", são 576 versos, em oitavas e dois Cantos; metro, decassílabo; gôsto: dentro dos moldes da poesia clássica; motivo: Rondon

".....Canto

A imensa glória de um varão sapiente.  
Não a glória que se ergue sôbre o espanto,  
o horror e a morte de infinita gente"

O poema foi impresso, primeira vez, em 1918, isto é, quando o autor tinha 19 anos; se outro valor maior não possuísse o trabalho, é importante assinalar tal fato; porque, embora sua poesia não lisongeie o gôsto moderno, fica patente que o autor dispunha de belos conhecimentos da técnica literária Convencional, apesar de muito jovem.

Aquí e ali em RONDÔNIA, temos algumas surpresas agradáveis, como aquela saudação ao protagonista:

"Eu te saúdo, de progresso aurora,  
Astro rei que começa a reluzir,  
Que sôbre a Pátria do Brasil, agora,  
Vens torrentes de luz a desparzir.  
Eu te saúdo, sombra promissora,  
Divisão do passado e do porvir,  
Ao teu propício resplendor os povos  
Vão deparar bellos caminhos novos."

É evidente que RONDÔNIA não pode figurar, em igualdade de condições, ao lado de trabalhos do mesmo gênero, de

outros poetas matogrossenses, como Antônio Tolentino em a **RETIRADA DE LAGUNA** - mas, conforme atrás dissemos, vale por uma afirmação de elevado exercício artístico, além do seu mérito específico de procurar exaltar a personalidade de Rondon que, segundo Raul Vilá, eclipsou "a excelsa glória dos Anchietas e Nóbregas". Há inda que atentar-se para o fato de que se o nosso sabor, hoje, é outro, com exigências novas, ao modo de apreciar e sentir da segunda década dêste século, a poesia, como a que comentamos, deliciava seus cultores e es-  
scravisava multidões de simpatizantes.

Depois, o tema que Vilá elegeu, de tão sugestivo o embarcou, a ponto de o épico terminar o poema com mais pura confissão de sua impossibilidade de dar-lhe o arremate que o assunto estava a merecer. Todavia, não se desconheça o idealismo do poeta; a procura do fundamento sério, substancioso e real; o alto sentido moralizador das exaltações; procurando considerar o heroísmo do homem, sem subtrair suas fraquezas, as moléstias, os assaltos das vacilações - tudo emoldurado pelo contacto magnífico da natureza selvática, com o seu dono - o Índio. Essas mesmas preocupações éticas animaram a bela página de **ORAÇÃO A PAZ**, com que saudava o poeta o término da 1ª Grande Guerra:

"Salve divina paz, irradiação mirífica de luz, alvorada promissora, suave encarnação dos mais suaves sentimentos, núncia angélica de infinita bondade, que aljofraste a maninhez dos corações com as pérolas da tua crudelíssima dor - derrama sôbre os homens que te imploram o cristalino e celeste orvalho do teu sorriso e do teu perdão. Paz imortal, faz que eles, ao toque do teu suavíssimo fulgor, esqueçam os ódios, esqueçam os furores incontidos da atra paixão, obliterem todas as maquinações diabólicas do mal, e ressurjam purificados vivificados e ungidos, amando-se para todo o sempre, e prometendo-se colocar à frente de todos os seus negócios, de todos os seus tratados dos séculos, a mais nobre, a mais digna, a mais alevantada de todas as concepções: - a Moral."

No que toca à poesia lírica de Raul Vilá, apresenta ela, coloridos de alma que surpreendem pela divergência das intenções alimentadoras das teses perseguidas. Se há produções suas de estilo precioso e até satânico, em outros pontos se mostra reflexivo, filosoficamente fatalista, como naquele "Destino das quatro paredes" - em que fála com a alcôva, evocando,



com certa plangência, sua condição de estar condenada a receber os depoços das mais diversas classes de matéria e de espírito.

"Com que encantada e doce placidez  
Se abre este asilo alvíssimo e risonho,  
A agazalhar nosso afagado sonho  
E nossos beijos, com gentil mudez.

E, quantas vezes, com que dor suponho,  
Que já se abrira para a embriagez  
Do vício, e para o crime atro e medonho,  
E para a infanda crápula, talvez.

Ora lépido ri-se, e quem diria  
Que a morte talvez ontem, feia e fria,  
O recamou de luto e lividez.

E para a alva bondade e o torpe vício,  
E para o gôzo e para o sacrifício  
Há de se abrir com a mesma placidez."

Noutro ângulo, menos reflexivo, fazendo um monocórdio, realidade e subjetivismo, o lirismo do poeta se lança por essa velha aventura das almas que se angustiam na contemplação do sonho louco da glória por ver que o sucesso das aspirações termina com o aceno da insatisfação. Em "Os navios do Pireu", está o problema:

"São meus êsses navios atupidos  
De pedraria e púrpuras. É minha  
A vaga de cristal que se avizinha  
De pérolas os flancos revestidos.

Pertence-me a frescura e louçainha  
Das auroras, de lúcidos vestidos,  
E os tesouros de Ofir, desconhecidos...  
A fama, a glória, o amor, a estrêla é minha!

Isto profere o louco, que procura,  
Em Vendo o imenso mar que não se alcança  
Um momento de gôzo e de ventura,

E ao ver surdir, do pélogo risonho,  
Na fantasiosa enseada da esperança,  
As caravelas imortais do sonho!

Como se vê, há realmente força nesta poesia; sente-se um latejar de asas capazes de alturas. Percebe-se que o poeta tem inegável capacidade artesanal; possui inspiração legítima, domínio seguro da língua e é tocante e espontâneo. Sua intuição descritiva é patente, mesmo quando penetra teses subjetivas, abstrações que dão valor aos sentimentos do homem. Vejamos, por exemplo, esta SAUDADE:

"Para povoar de sonho as solidões da vida  
Evoco da saudade a alva visão celeste,  
E ela sorri-me então com a vaporosa veste  
De alvas gases ideais das auroras tecida.

Surge-me assim gloriosa, assim meiga e querida  
Puríssima vestal, que o amor puro acendeste  
No coração do poeta, e forte o defendeste  
Das desconsoações e amarguras da vida.

Ressuscita de outrora o suavíssimo encanto,  
Os poemas da alegria e os poemas do pranto,  
Toda a felicidade antiga, hoje, perdida.

Saudade, em vão, assim, rediviva resplendes,  
Em vão apaziguar meu tormento pretendes,  
Tornas mais solitário o deserto da vida."

Todos vêem que o soneto não traz nenhuma mensagem nova - mas é límpido e macio, bem modulado, dentro dos rigorosos hemistíquios do alexandrino, ressaltando-se - é bem de ver - que as próprias repetições lhe realçam a musicalidade.

Pelo exposto, podemos destacar, na obra artística de José Raul Vilá: primeiro, a tentativa de poesia épica; segundo, os laivos de uma obscura fase satanista, e, por último, um parnasianismo, algo diluído - pois sem aquele vigor de um Emílio de Menezes ou Luiz Carlos; um parnasianismo picado de subjetivismo, sensibilizado por um pessimismo ligeiro e difuso.

Raúl Vilá é expressão literária, sem nenhuma dúvida. Não alcançou os altiplanos, mas não ficou na baixada, caído sob o novelamento comum da obscuridade insensível.

Tonificou o seu tempo com a garlhardia simpática do espírito que procurou, dentro da luta das limitações, pessoais e históricas, emprestar o seu quinhão ao trabalho criador, no desinteresse que a Arte recomenda a seus acólitos.

Sua obra tem valor - tando que aí está e ficará ao lado de outros funcionários do ideal, dessa boa família do gênero humano que ama transpor as portas do mistério da criação, qualquer que ela seja, à procura, às vezes, de nada, mas quase sempre de alguma coisa que é tudo ou o princípio de tudo.

Santo Anselmo ensina que o só fato de se discutir Deus, implicava em procurá-lo e, pois, em admiti-lo.

Com a Beleza ocorre o mesmo fenômeno. Digladiam-se, teimam-se, lutam-se, protestam-se - para se saber que é ela, onde e como veio, para onde e como vai... E dessa cadeia crítica, jorra a linfa da Grande Mágica, em torno da qual se criaram desde os desenhos das Cavernas, até ao Tja Mahal, desde os descantes rústicos à DIVINA COMÉDIA - as horas luminosas da humanidade, dando o sentido supremo do seu destino e assinalando a matéria providencial da sua finalidade!

Ai estão, senhores acadêmicos, o Patrono da cadeira e o meu antecessor; o primeiro, produto intelectual típico de uma época. Pulchério, como vistes, não apresenta altitudes consideráveis; é o intelectual comum da província abandonada, esquecida e longínqua, numa época em que Mato Grosso só se evidenciava, através dos lampejos, ainda quentes, da Guerra com o Paraguai, que produziu as façanhas de Dourados, de Laguna e da Retomada de Corumbá, que hoje se comemora. Vê-se que Amancio Pulchério, pelo que dele se pôde colher, não sensibilizava problemas mais profundos, preocupações sociais de vulto e outros exercícios de cogitação mais moderada, como se percebe em Raul Vilá quando, após a Conflagração de 1914-1918, pede que os homens porem à frente de todas as suas aspirações as "elevadas concepções da Moral" concepção essa que, ainda agora, pedimos, com instância de sede enorme e inextinguível necessidade.

Não vamos aqui repetir o velho refrém do "hoje mais do que nunca precisamos...", porque o problema da pretendida falência da humanidade, já deixou de ser uma novidade, pois todas as épocas sempre insistiram em sua proclamação, como se fosse um dogma, uma idéia fixa, ou mesmo uma espécie de método de interpretação da História.

Antes de tudo, eu não creio na bancarrota da humanidade. O estimável Charles Richet, escreveu um livro inteiro, incapacidade humana, em todos os aspectos: incapacidade cósmica, individual, intelectual, social, fisiológica, moral e incapa-

cidade para a felicidade. Ora o próprio Richet, filósofo apreciável, psicólogo insigne, fabulista de mérito, poeta premiado pela Academia Francêsa, e, por fim, laureado com o prêmio Nobel de Fisiologia de 1913, pela descoberta de soroterapia e anafilaxia foi uma afirmação de potência, um desmentido cabal à sua prégação pessimista patente a grandeza do homem.

O que realmente existe é inconformismo - e o inconformismo falo em sentido elevado - não é mais que esforço de purificação, desejo de aprimoramento, aspiração genuína a estágios mais equilibrados harmônicos. Toda a nossa luta gira em torno da perfectibilidade contra a perplexidade e os incômodos da incerteza. Quando a personagem de Shakespeare diz que entre a terra e o céu há coisas com que nem sonha - nossa filosofia - exprimiu toda a trama do nosso trabalho do nosso atarefado dia-a-dia; é dizer: existe, à medida que avançamos no tempo e na penetração de todas as dimensões cósmicas, um mais, um ponto que ainda pode, deve ou precisa ser atingido - ponto êsse que não alcançamos nunca, porque nosso destino é, em si, um desdobramento contínuo, intermimo, causa e efeito ao mesmo tempo, autogênito e realmente eterno!

A Humanidade foi disparada, desde o dia da criação e, daí em diante, transformou-se em moto-contínuo. Não poderá ser detida em razão de ser o movimento a sua própria natureza, seu atributo indefectível. Então dêsse rodopiar fantástico, cujo fim não se pode prever - por isso se criou a Metafísica - há situações há momentos, há posições, há perspectivas que parecem desafinar com a necessidade geral de funcionar tudo dentro da sinergia total, e é a êsses acidentes que chamamos crises, alterações sobrevindas no curso de uma consequência: e é ainda contra essas conjunturas que lutamos, contra êsses desníveis, depressões e desórdens que ofendem a uniformidade essencial que dinamiza o universo. Todavia, não indica isso a nossa inutilidade, o nosso abastardamento, a nossa lástima. Aceito, como certíssimo, o postulado popular que diz não ser o diabo tão feio como o pintam. Evidentemente, somos, em essência bons. Desejamos, fundamentalmente, o bem. Se crucificamos Jesús, em compensação, há mais de dois mil anos o adoramos e, humildemente, lhe pedimos perdão do mal que lhe infligimos.

Mas - e o próprio mundo deve ter começado com uma adversativa - somos, também, comodistas. Quando aparecem aquelas situações depressoras de que já falamos, nossa tendência ao repouso, própria dos corpos sólidos, procura imobilizar-

-nos, e se não reagirmos, passaremos a ser força morta, inércia em turbilhão e negatividade dentro do universal desejo e dever de afirmação: E toda a história do progresso humano aí está: no denôdo em romper a inatividade, para seguirmos, ajustados, e simétricos, a onda evolutiva dos seres e das coisas.

O mundo atual, é o mesmo mundo de ontem, em substância. Apenas há aspectos inaugurais, criados pela inquietação natural dos nossos espíritos. Acontece que, ontem, as probabilidades. Ontem, era o mistério maior; hoje, é a revelação mais constante e até trivial. O aparecimento de meios mais vastos nos avizinham de fins mais perceptíveis, mais palpáveis, mais concretos. Os produtos da criação humana se desenvolveram em escala geométrica, enquanto o nosso alcance interno, mais estável, mais lento em suas progressões, não se elasteceu, suficientemente, dentro das mesmas dimensões, de sorte que o autor se desligou, sensivelmente, do ato, ficando este solto, liberto, perigosamente autônomo e desafiador do nosso domínio. É a repetição da criatura contra o criador. Nesse ponto é que necessitamos de diligências, para unir os elos quebrados, procurando a união, o acôrdo com os meios de que dispomos, para realizar nossa finalidade.

E o homem de letras é a criatura talhada para o vasto programa. Mais do que outra categoria, o intelectual está aparelhado para tocar o sino da advertência e convocar os seus irmãos para o grande concílio dos ajustamentos definitivos, para a racional proporção entre as atitudes e ações. O artista é mais sensível às impressões circunvolventes, tem a alma mais próxima da vida, tem mais instinto, experimenta as reações com mais agudeza e chega mesmo a adivinhar, como numa presciência, a eclosão de acontecimentos ainda imanifestos. Penetrando mais fundo no âmago das coisas, sua capacidade de evidência é mais dúctil, e sendo mais fraternos, por compreender melhor, é encarado com mais simpatia. Não usando armas - desarma; não querendo subjugar - convence; não pretendendo ganhar - enriquece; não buscando o egoísmo - aviventa a generosidade. Aí está o caminho do melhoramento.

Em consequência, senhores Acadêmicos, nossa tarefa é enorme! Partindo do princípio de que devemos crer no homem o nosso trabalho deve desenvolver-se com otimismo. Somos, ao lado de outras séries humanas, a janela pela qual se pode contemplar a paisagem da vida efetiva; somos uma das fontes de confiança e do entusiasmo; da confiança que anima o passo-à-frente e do entusiasmo que incendia o ânimo construti-

vo das conquistas perenes. Quando, alhures, as cintilações se apagam, é para os homens de espírito que todos se voltam, à procura do fio de luz que vem do sol, buscando atingir as praias onde a terra floresce e a manhã promete o dia farto, a hora abundante e a eternidade pressentida! Quando fanam todos os valores, quando todos os impulsos se anquilosam, quando todas as promessas falham - os naufragos e os desherdados só se consolam com a robustez dos que estão firmes na fé do primado da perfeição, da prevalência dos méritos constantes do espírito, contra as maquinações da insuficiência e do nada!

"Ninguém poderá negar que não sejam as idéias que governam seres humanos. Todas as teorias que as dispensam são incompletas, inadequadas. Censurar-nos-ão, talvez, o termos dado ao homem um lugar inteiramente privilegiado. E só lamentamos aqueles que não encontram, em si, idéias e aspirações bastante nobres, para motivar, não o orgulho, mas a consciência de sua dignidade e dos deveres que daí resultam. Aí está, se o quisermos, o privilégio: mas um privilégio que pagamos caro, e que nos priva da felicidade medíocre e beata, da felicidade química daqueles que não têm nenhum ideal". (Lecomte Du Nouy - "O Futuro do Espírito")

O presente adiantamento técnico do homem, situou-o para além do seu progresso moral, quando os dois devem existir coordenados e paralelos, sob pena de caminharmos divididos entre o que somos e o que podemos. Em consequência, torna-se imperioso um esforço no sentido da unificação do poder material com as normas que dão à nossa vontade sua direção para o bem - e esse esforço segundo estamos dizendo, compete ao homem de pensamento.

Não é necessário excesso de reflexão para ver que a área de multiplicação dos fatos sociais se torna, cada dia, mais extensa, a ponto de a humanidade ter sido obrigada a adotar especializações, a fim de poder atender às solicitações dos acontecimentos; também não é preciso pensar muito para perceber que a especialização cria diversificações, destons e contradições. O ideal, então, seria, dada a inevitabilidade do especialismo, aumentar, incrementar e fecundar as capacidades espirituais de união, de ajustamento e harmonia.

Em síntese, estamos convocados todos para esse imensurável trabalho de congraçamento da civilização moderna, para o alcance do mistério da vida, da ordem e da paz, da existência de um direito que seja a mesa comum de todos; de uma

justiça que não estabeleça distinções circunstanciais; de um amor que não particularize suas preferências - o que só será conseguido se volvermos a nossa consciência para os focos transcendentais do nosso espírito - isso por que " a síntese vital unificadora da existência, e portadora da coerência e da paz, não se pode consolidar em tórno de nenhuma realidade efêmera (Leonel Franca, "A Crise do Mundo Moderno").

E assim afirmando, já percebestes que desejo referir-me à necessidade de olharmos mais para a nossa alma, trazendo à mente os nossos fins, já que temos à mão os nossos meios. Impossível atingir o equilíbrio físico e psíquico sem dedicarmos nossa preocupação, mais veraz, à certeza de que existe uma força maior, uma consciência do mundo a reclamar todas as direções dos nossos ideais, todas as palpitações do nosso desêpero e da nossa glória!

É verdade! Provam os cosmólogos que o universo se expande, também. Nós o imitamos, da nossa condição de microcosmos (ou elenos imita da sua condição de macrocosmo?). As lindes do conhecimento fremem dentro da engrenagem cósmica, e se alargam como aquelas encíclias que se formam à superfície da água quando nela atiramos uma pedra. Ontem, só conhecíamos os outros astros pela análise espectral; agora, novos são os prismas. Já beiramos as margens de outros mundos. Em 1958, saímos, pelo Sputnik I, a uma velocidade de quase trita mil quilômetros por hora, e fomos a mais de 800 quilômetros de altura! E não é somente a questão da velocidade ou da penetração orbitária no espaço - há, também, o fato da permanência nele: o Vanguard I ficará nos céus durante duzentos anos! O homem já chegou perto da Lua, além de fotografar a sua face oculta, Já mandamos um "marinheiro a Venus, como se fosse um novo Vasco da Gama ou um Fernão de Magalhães... E a última conclusão da Ciência, assinalada no dia 6 dêste mês, é a de que há vapor d'água em Marte e que, portanto, pelo menos, vida microscópica, poderá existir naquele planeta - o que vem reavivar teorias nossas conhecidas como a dos cosmoóarios, da panspermia - segundo as quais o germe da vida viaja de um planeta para outro. E não nos espantemos se daqui a poucos anos estivermos fazendo turismo a quatro bilhões de quilômetros da Terra - isto é, em algum íglo ou cratera gelada do planeta Plutão!...

Esses são os fatos! E êste é o mundo em que estamos!

Nós, que pensamos; nós, que admitimos o ideal; nós, que arrojam os nossos espíritos pelos alcândores da imaginação

justiça que não estabeleça distinções circunstanciais; de um amor que não particularize suas preferências - o que só será conseguido se volvermos a nossa consciência para os focos transcendentais do nosso espírito - isso por que " a síntese vital unificadora da existência, e portadora da coerência e da paz, não se pode consolidar em tórno de nenhuma realidade efêmera (Leonel Franca, "A Crise do Mundo Moderno").

E assim afirmando, já percebestes que desejo referir-me à necessidade de olharmos mais para a nossa alma, trazendo à mente os nossos fins, já que temos à mão os nossos meios. Impossível atingir o equilíbrio físico e psíquico sem dedicarmos nossa preocupação, mais veraz, à certeza de que existe uma força maior, uma consciência do mundo a reclamar todas as direções dos nossos ideais, todas as palpitações do nosso desêpero e da nossa glória!

É verdade! Provam os cosmólogos que o universo se expande, também. Nós o imitamos, da nossa condição de microcosmos (ou elenos imita da sua condição de macrocosmo?). As lindes do conhecimento fremem dentro da engrenagem cósmica, e se alargam como aquelas encíclias que se formam à superfície da água quando nela atiramos uma pedra. Ontem, só conhecíamos os outros astros pela análise espectral; agora, novos são os prismas. Já beiramos as margens de outros mundos. Em 1958, saímos, pelo Sputnik I, a uma velocidade de quase trita mil quilômetros por hora, e fomos a mais de 800 quilômetros de altura! E não é somente a questão da velocidade ou da penetração orbitária no espaço - há, também, o fato da permanência nele: o Vanguard I ficará nos céus durante duzentos anos! O homem já chegou perto da Lua, além de fotografar a sua face oculta, Já mandamos um "marinheiro a Venus, como se fosse um novo Vasco da Gama ou um Fernão de Magalhães... E a última conclusão da Ciência, assinalada no dia 6 dêste mês, é a de que há vapor d'água em Marte e que, portanto, pelo menos, vida microscópica, poderá existir naquele planeta - o que vem reavivar teorias nossas conhecidas como a dos cosmoóarios, da panspermia - segundo as quais o germe da vida viaja de um planeta para outro. E não nos espantemos se daqui a poucos anos estivermos fazendo turismo a quatro bilhões de quilômetros da Terra - isto é, em algum íglo ou cratera gelada do planeta Plutão!...

Esses são os fatos! E êste é o mundo em que estamos!

Nós, que pensamos; nós, que admitimos o ideal; nós, que arrojam os nossos espíritos pelos alcândores da imaginação



e da beleza temos o dever de assistir a êsse drama, não só como espectadores mas como - e sobretudo - protagonistas; eles de sua cadeia; chama dos seus calores; explosões dos seus vendavais; coroamento dos seus júbilos e dos seus martírios; ouro, água e cal dos seus embasamentos; música, eloquência e perfume das suas transfigurações!

Prêso à asa da Arte e do Pensamento; açoitados pelo vento das inspirações magníficas, rolados pelas sinfonias cósmicas, indômitos, determinados, em busca da Perfeição - flor e canto, ácido e espinho, paz e luta, estremecimento e altura! . . Nela - na Arte - há a blandícia e a tortura; a treva e a transparência e as alternações do transitório e do eterno - mas nunca falta uma réstia de luz que a atravessa de lado a lado, como um dardo de chama, igual ao sôpro que vem do céu, trazendo a menságem de Deus!

E, dito isto, ouçamos a oração-guia do nosso mestre, do nosso grande amigo, que aqui está na descomunal necessidade da sua presença: JOSÉ DE MESQUITA:

Has de sempre encontrar urzes pelos caminhos,  
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos,  
mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá, bem alto, cintila a estrêla da bonança,  
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança.  
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição!

Rondonópolis, 9. 6. 1963.

J. Antônio.